

BID poderá aplicar recursos de US\$ 6 bilhões no Plano Brady

O presidente do banco, Enrique Iglesias, considera a iniciativa fundamental

OSWALDO RIBAS

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) anunciou seu apoio à estratégia de redução da dívida externa de países do Terceiro Mundo defendida pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady. O presidente do banco intercontinental, Enrique Iglesias, admitiu dispor de US\$ 5 bilhões a US\$ 6 bilhões que poderão ser canalizados para o programa de resgate de dívidas externas previsto pelo Plano Brady. "Embora vivamos um período de forte escassez de recursos, parece-me fundamental que também o BID some seus esforços à comunidade internacional, representada pelos bancos comerciais, FMI e Banco Mundial, no sentido de definir uma política global de combate à crise provocada pelo endividamento externo das nações em desenvolvimento", afirmou Iglesias numa entrevista, distribuída via satélite, de Washington, pelo Serviço de Informações dos Estados Unidos (usis).

Em seu segundo ano à frente da entidade de crédito internacional, Iglesias afirmou que uma das suas principais preocupações no momento é distribuir os recursos captados pelo BID na última conferência de seus países-membros, realizada em Amsterdã. "Concluída a fase de negociações para a reposição de recursos do BID, no total de US\$ 26 bilhões, vamos agora enfrentar os gravíssimos problemas econômicos que se avolumaram em toda a América Latina", afirmou.

Iglesias também revelou a possibilidade de o BID se transformar numa espécie de intermediário entre os bancos credores internacionais e os setores público e privado das nações latino-americanas para carrear novos recursos a projetos de desenvolvimento hemisférico. "Esta,



Reuter-24/5/89

Iglesias: "Vamos enfrentar os problemas da AL"

aliás", disse ele, "é uma das principais funções do BID: contribuir para a modernização das economias nacionais e melhorar a capacidade do setor exportador". Para ele, além da crise de endividamento externo, o continente está afetado por problemas, não menos relevantes, como o desequilíbrio dos déficits públicos, a violenta desvalorização das moedas regionais e a ameaça de hiperinflação em várias economias, entre elas a argentina.

O presidente do BID atacou o setor público afirmando que o Estado, nos países latino-americanos, tem de mudar, já que não cumpre sua principal função, ou seja, a de manter uma equilibrada política fiscal. "Enquanto o setor privado do continente tem atuado de forma vibrante e competitiva, o setor público tem sido um fracasso." Ele sugeriu, até, um programa mais abrangente de privatizações de empresas estatais.

Quanto ao Plano Brady, Iglesias considera a iniciativa muito positiva porque, pela primeira vez, os países desenvolvidos, quer em suas áreas oficiais ou privadas, vêem a

importância de um acordo amplo com as nações em desenvolvimento. Na estratégia prevista por Brady — e que já conta com o apoio do FMI e do Banco Mundial —, a idéia básica é a formação de grandes fundos, administrados pelas duas instituições, que recomprarão o principal da dívida externa do Terceiro Mundo com desconto, isto é, com o valor dos títulos resgatados pelo deságio com que já são negociados no mercado secundário.

GRANDE ESCALA

Numa iniciativa paralela, um grupo de especialistas em economia se reuniu ontem, em Washington, para pedir que o Plano Brady inclua uma parcela ainda maior da dívida externa do que a que vem sendo proposta. O grupo, que contou com a participação do ex-diretor-gerente do FMI, Johannes Witteveen, e do professor Robert Solow (Prêmio Nobel de 1987), recomenda uma redução mínima da dívida externa em US\$ 125 bilhões. Os especialistas também pedem a criação de um fundo fiduciário de US\$ 50 bilhões administrado pelo FMI para redução em grande escala das dívidas externas do Terceiro Mundo, "iniciativa essencial para a saúde da economia mundial".

"O setor público não cumpre sua função social"